TEORIA, PRÁTICA E REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Carol Kolyniak Filho²

RESUMO

Em diferentes áreas do conhecimento, inclusive na Educação Física, tem havido um questionamento em relação aos seus pressupostos epistemológicos e metodológicos, fato que vem configurando um estado de crise. Deste estado, o efeito mais produtivo é a busca de superação dos impasses identificados.

*A busca de alternativas na produção e socialização do conhecimento implica em definições filosóficas. A abordagem feita nesta exposição fundamenta-se no **materialismo histórico dialético**, em cuja perspectiva o homem é concebido como indissociável em corpo e mente (espírito), constituindo-se exclusivamente nas e pelas relações sociais, sendo a sua consciência construída a partir de sua atividade concreta sobre o meio e materializada na linguagem, diferenciando-se de outros animais por produzir seus meios de subsistência através do trabalho, o qual sempre implica na utilização de todas as faculdades (físicas e mentais).*

A partir dessa visão de homem, define-se prática como a ação concreta sobre o meio, teoria como sistematização de representações sobre a realidade e reflexão como o processo de confronto das representações da realidade concreta com sistemas conceituais organizados (teorias). Toda atividade humana implica em teoria e prática, em algum grau. Contudo, a relação entre teoria, prática e reflexão varia segundo a predominância de uma atividade teórica ou prática e segundo a abrangência das representações sobre a realidade. Nessa ótica, a profundidade e abrangência do processo reflexivo depende de (a) profundidade e abrangência dos conceitos disponíveis, (b) contato com a realidade concreta e (c) disponibilidade/hábito/habilidade de confrontar teorias com a realidade concreta.

Dadas tais definições, considera-se que o corpo teórico para orientar o ensino da Educação Física deve abranger a realidade em suas dimensões natural e sócio-histórico-cultural, integradas nos níveis filosófico, científico e técnico. Quanto à relação entre teoria e prática, esta deve ser explicitada, o mais clara e sistematicamente possível, durante as aulas, antes, durante e após as vivências práticas. Finalmente, o desenvolvimento de uma atitude reflexiva no alunado pode ser obtido pelo confronto constante do conteúdo

curricular com fatos concretos que estão ocorrendo no âmbito das atividades características da Educação Física e na esfera mais ampla das relações sociais, políticas e

econômicas, em abrangência local, nacional e internacional.

*O ensino com as características apontadas demanda professores com ampla visão filosófica, científica e técnica, aliada ao exercício do ensino e ao hábito de reflexão. As dificuldades que os professores de cursos de graduação em Educação Física podem encontrar para viabilizar esse tipo de ensino podem ser superadas pelo exercício da **interdisciplinaridade em ato**, entendida como o trabalho conjunto de profissionais de diversas áreas no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação das atividades curriculares.*

A abordagem do tema desta mesa redonda remete à consideração da questão mais ampla do significado de teoria, prática e reflexão no âmbito da ciência e da tecnologia, de modo geral, e no campo da Educação Física, em especial.

Inicialmente, convém assinalar que uma parte significativa da assim chamada *comunidade científica* tem se empenhado, ao longo deste século, em questionar as bases epistemológicas e metodológicas da ciência, em diferentes áreas do conhecimento. Na Física, nas Ciências Sociais e na Psicologia, para citar alguns exemplos, o debate em torno da delimitação e caracterização de seus objetos de estudo e de modelos teóricos para orientar a pesquisa tem sido constante (variando em intensidade, em diversos centros de reflexão).

Na área da Educação Física, o debate em torno de sua cientificidade ganhou abrangência significativa na década de 60, a partir da polêmica iniciada nos EUA, a qual estendeu-se a outros centros, chegando ao Brasil apenas ao final da década de 70. Na atualidade, a reflexão sobre o que deve ser considerado o objeto de estudo da Educação Física e, conseqüentemente, como este deve ser estudado, ainda segue em meio a consideráveis controvérsias.

Este quadro configura uma crise nas convicções científicas em diferentes áreas e, por conseguinte, um questionamento de diversas teorias, ensejando atitudes diversas, que vão de um pessimismo radical quanto à possibilidade de produzir conhecimento seguro até a motivação para buscar novos caminhos para o pensamento científico. Esta última atitude parece ser o melhor que pode resultar de uma crise: a determinação de buscar alternativas e de fazer opções.

Imbuídos da atitude de busca, podemos então retomar a questão apontada no primeiro momento desta fala, desdobrando-a em 3 perguntas: (a) o que é teoria? (b) o que é prática? (c) o que é reflexão? Toda resposta que

¹ Palestra proferida no V Simpósio Paulista de Educação Física

² Chefe do Depto. de Educação Física e Esportes da PUC-SP

possa ser dada a tais perguntas tem de partir de alguns pressupostos acerca do Homem e do conhecimento. Por essa razão, responder implica em assumir posições filosóficas. A partir de respostas dadas a essas 3 questões, pode-se, então, enfrentar outras tantas: 1)-Que corpo teórico deve ser utilizado no ensino da Educação Física? 2)-Como articular teoria e prática nesse ensino? 3)-Como favorecer uma atitude reflexiva no profissional em formação?

Para abordar essas questões, começo pela definição dos meus pressupostos epistemológicos. Assumindo o **materialismo histórico dialético** como referência fundamental, entendo que o homem caracteriza-se pelos seguintes atributos essenciais:

- é indivisível em corpo e mente (espírito), sendo estes aspectos de uma totalidade que se realiza em ato.

- constitui-se nas e pelas interações sociais, sobrevivendo e se desenvolvendo, portanto, apenas em grupo.

- sua consciência origina-se na atividade concreta exercida sobre a natureza, na luta pela sobrevivência, sendo essa consciência materializada na linguagem - portanto, mediada por signos.

- diferencia-se de outros animais pela capacidade de produzir seus próprios meios de sobrevivência, transformando a natureza e transformando-se ao fazê-lo.

- ao realizar trabalho, utiliza seu corpo e suas faculdades mentais, de modo que não há trabalho exclusivamente físico nem exclusivamente mental.

Diante de tais pressupostos, é possível definir:

Prática como toda a ação do homem sobre a natureza e sobre outros homens.

Teoria como a organização das representações que o homem constrói sobre objetos ou fenômenos, num sistema conceitual elaborado segundo critérios lógicos (estes, por sua vez, igualmente construídos pelo homem).

Reflexão como o processo de confrontar sistematicamente as representações da realidade com um sistema ou conjunto de sistemas conceituais articulados (teorias). Desse processo podem resultar mudanças nas formas de representar a realidade, nas teorias ou em ambas.

Dadas tais definições, cabe notar que toda a atividade humana envolve, em alguma medida, tanto a ação concreta sobre a realidade quanto a representação dessa realidade. Assim sendo, quando tomamos teoria e prática em sentido amplo, podemos afirmar que não há prática sem teoria, nem teoria sem prática. Isso equivale a dizer, também, que toda a atividade humana envolve algum grau de reflexão. Não obstante, é preciso considerar que a combinação entre prática, teoria e reflexão pode assumir formas muito diversas, variando de uma prática quase automatizada, com vaga consciência dos conceitos que a embasam, a uma teorização quase sem relação com a realidade concreta. Nesses casos extremos, o que definimos como reflexão ocorre em escala muito reduzida.

Outra variabilidade nas relações entre teoria, prática e reflexão ocorre em função da abrangência das representações que alguém tem sobre a realidade. Pessoas que compreendem apenas os aspectos imediatos de seu ambiente e de suas relações podem refletir muito ao agir, sem contudo ultrapassar os limites de sua compreensão da realidade. Por exemplo, um professor de Educação Física que conhece muito bem anatomia, fisiologia e cinesiologia, pode refletir constantemente sobre a adequação de seu trabalho às características morfológicas e funcionais das pessoas com quem trabalha. Não obstante, se não tiver compreensão dos aspectos psicossociais, histórico-culturais e político-econômicos que constituem a motricidade, não poderá fazer uma leitura mais abrangente de sua atividade. A situação desse professor é a mesma do agricultor que conhece muito bem as técnicas de plantio, cultivo e colheita, mas desconhece os mecanismos de formação de preços, as intermediações na comercialização de seus produtos, a política agrícola do governo em sua articulação com os interesses dos latifundiários e de outros grupos econômicos. Em ambos os casos, a reflexão dessas pessoas só poderá interferir na sua ação imediata sobre o meio restrito em que atuam, não chegando à possibilidade de alterar o sistema mais amplo de relações em que se inserem.

A reflexão, que constitui a articulação constante entre teoria e prática, possibilita a transformação das representações sobre a realidade e das ações concretas sobre a realidade, num processo dialético. Em outras palavras, mudanças que o homem provoca em seu meio, com sua atividade, determinam alterações em suas representações sobre a realidade. Reciprocamente, mudanças nessas representações (e nas teorias) possibilitam novas formas de atividade, num processo contínuo de transformação mútua e unitária.

Isto posto, é possível afirmar que a profundidade e a abrangência do processo de reflexão - portanto, da dinâmica de desenvolvimento na relação teoria-prática - que uma pessoa (ou um grupo) é capaz de realizar depende de três variáveis: (a) profundidade e abrangência de seus conceitos e sistemas teóricos, (b) o seu contato com a realidade concreta e (c) a disponibilidade/hábito/habilidade de confrontar continuamente os dados da experiência com os referenciais teóricos.

À luz dessas definições - tomadas a partir de um marco teórico assumido - abordarei o segundo grupo de questões colocadas ao início.

1. Que corpo teórico deve ser utilizado no ensino da Educação Física?

A resposta cabal a esta questão depende, em primeiro lugar, da definição de um objeto de estudo para a Educação Física. Não obstante, qualquer que seja o objeto definido, este só pode ser entendido adequadamente em sua relação com a totalidade dos fenômenos humanos e naturais. Assim sendo, um corpo teórico para a Educação Física deve caracterizar-se pela abrangência da realidade

em suas dimensões natural e sócio-histórico-cultural. Essas dimensões devem ser integradas em 3 níveis de abordagem: o filosófico (tratando das concepções genéricas sobre o homem, a realidade, o conhecimento e a axiologia - ética e estética), o científico (como construção sistemática de representações da realidade, expressas em teorias) e o técnico (referindo-se a procedimentos concretos para levar a cabo o trabalho profissional, em torno do objeto de estudo definido para a Educação Física).

Ao assumir o **materialismo histórico dialético** como marco epistemológico e metodológico, considero de especial relevância, na formação do professor de Educação Física, o estudo das relações entre o **movimento humano consciente** (ou outra formulação que se possa dar ao objeto de estudo da Educação Física) e a organização política e econômica da sociedade em que esse movimento ocorre. Nesse sentido, não poderia faltar, entre outras abordagens, um estudo introdutório da Economia Política, através do qual é possível situar como as relações de produção influenciam na motricidade das pessoas e na sua consciência.

2. Como articular teoria e prática nesse ensino?

Os currículos atuais de formação do professor de Educação Física contemplam disciplinas como psicologia, sociologia, etc. Não obstante, essas disciplinas tendem a ser ministradas como corpos teóricos autônomos, que podem permanecer desvinculados das disciplinas chamadas "práticas", como o atletismo, a natação, o voleibol, etc. A articulação entre teoria e prática exige uma organização que possibilite a abordagem de todos os princípios teóricos **junto** à prática, inclusive, em vários momentos, **simultaneamente** à prática. Por exemplo, ao ministrar uma aula versando sobre flexibilidade, o professor pode propor a prática de exercícios de alongamento, durante os quais vai pedindo aos alunos que prestem atenção às sensações advindas da execução dos exercícios, de modo a identificarem a musculatura que está sendo alongada. No decorrer da sessão, enquanto os alunos executam os exercícios propostos, o professor pode retomar os mecanismos de contração e descontração muscular, as funções do fuso muscular e do órgão tendinoso de Golgi, etc. Pode também abordar a questão das tensões musculares e suas possíveis origens, relacionando-as com o cotidiano das pessoas, com a dinâmica das relações humanas, no bojo das relações de produção e dos valores de classe social. Nesse quadro, pode localizar com mais clareza a importância dos exercícios de alongamento na busca de reequilíbrio face às tensões do dia-a-dia, apontando, também, porque tais exercícios não constituem, por si só, uma solução definitiva dos problemas causados pela tensão.

No exemplo dado, fica explícito o que quero dizer com articulação entre teoria e prática. Esse tipo de articulação não precisa ser feito em todas as aulas, de todas as disciplinas. Há momentos em que é necessário

uma elaboração conceitual mais complexa, que exige processos diferenciados - leitura e discussão de textos, assistência e discussão de filmes e desempenhos motores ao vivo (desportivos ou artísticos), debates, elaboração de trabalhos e sínteses escritas, etc. Também há momentos que exigem uma concentração maior em tentativas de domínio de movimentos específicos, bem como um engajamento em situações de jogo, como vivências importantes para a compreensão dos fenômenos que a Educação Física estuda. Entretanto, é necessário que haja muitas aulas do tipo mencionado acima, para que se possa vincular estreitamente teoria e prática. Nesse sentido, cabe apontar que a **prática de ensino** constitui uma parte fundamental do currículo, na qual a relação teoria-prática deve atingir o maior grau possível de explicitação.

3. Como favorecer uma atitude reflexiva no profissional em formação?

A atitude reflexiva não se esgota na articulação teoria-prática durante o processo de ensino-aprendizagem. Tal atitude exige um olhar constante e crítico para a realidade, para os fatos que estão ocorrendo cotidianamente, tanto no âmbito estrito das atividades que serão desenvolvidas pelo futuro professor (ensino escolar, orientação em academias, atividades em clubes, eventos esportivos, campanhas publicitárias, etc) como na esfera mais genérica das relações político-econômicas locais, nacionais e internacionais. O exercício de análise da realidade, à luz do conhecimento que os alunos vão construindo durante a graduação, representa a forma privilegiada para o desenvolvimento de uma atitude reflexiva, que pode acrescentar mais significado aos conteúdos do ensino profissional em Educação Física.

O desenvolvimento do ensino na formação do profissional em Educação Física, na forma apontada acima, só pode ocorrer com docentes que tenham uma ampla visão filosófica, científica e técnica, aliada ao exercício do ensino (seja em escolas, academias, clubes ou outras situações) e ao hábito da reflexão. Professores altamente especializados, detentores de grande saber técnico, mas incapazes de contextualizar suas práticas na dinâmica das relações sociais, políticas e econômicas em que atuam, dificilmente poderão contribuir para a formação de uma atitude reflexiva por parte do alunado.

Como decorrência do processo de fragmentação do conhecimento científico, que resultou na especialização progressiva da atividade profissional, o professor de Educação Física, como outras tantas categorias de trabalhadores, tende a isolar-se na busca de solução para os problemas de sua área. A meu ver, a busca da interdisciplinaridade **em ato** constitui uma saída para os impasses na formação de um profissional com visão mais ampla da realidade multifacetada em que atua. Por *interdisciplinaridade em ato* entendo a **atuação conjunta e articulada** de profissionais de diferentes áreas e não o mero recurso, por parte do professor, a teorias de diferentes ciências (isto já tem ocorrido na graduação, sem caracterizar, necessariamente, uma autêntica

interdisciplinaridade). Por exemplo, médicos, psicólogos, sociólogos e professores de Educação Física poderiam planejar os conteúdos de suas disciplinas em conjunto (todos interferindo no planejamento de todos) e, em alguns casos, ministrar aulas em duplas ou trios, aprofundando a leitura de aspectos psicossociais e biológicos subjacentes a um conteúdo prático. O processo de avaliação, efetuado em conjunto com os alunos, também pode ser um momento privilegiado para o exercício da interdisciplinaridade em ato - visto que, nesse caso, os alunos percebem como seu desempenho pode ser enfocado de diferentes ângulos, com o auxílio de diferentes teorias.

A utilização de estratégias como as exemplificadas constitui-se em possibilidade para a busca de uma formação em que se alia fundamentação teórica significativa e abrangente com domínio de instrumental técnico e metodológico adequado, na perspectiva da criação de um profissional reflexivo, capaz de atuar para o desenvolvimento do meio em que vive, não só reproduzindo o conhecimento construído em sua graduação, mas transformando esse conhecimento e as práticas sociais correspondentes, na direção apontada por uma postura político-ideológica explícita e consciente.